

IDEOLOGIA NA LITERATURA JUVENIL BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DO LIVRO *ISSO NINGUÉM ME TIRA* (1994), DE ANA MARIA MACHADO

Érica Fernandes

RESUMO: Analisa-se a representação da ideologia na literatura infanto-juvenil brasileira no romance *Isso Ninguém Me Tira*, de Ana Maria Machado. O objetivo é verificar como a ideologia está representada nesse âmbito e como o leitor interage com o texto para filtrá-la. A metodologia baseia-se em textos que abordam e problematizam a presença de arcabouços ideológicos nos livros infanto-juvenis desenvolvidos por Machado, Rosenberg, Chauí dentre outros. Os resultados mostram que preceitos ideológicos atuam na formação do leitor, mas não se apresentam como obstáculos à leitura desde que estejam subordinados ao escopo estético da obra.

PALAVRAS-CHAVE: ideologia; literatura; interação

ABSTRACT: This paper analyzes the representation of ideology in the Brazilian children's literature novel *Isso Ninguém Me Tira*, by Ana Maria Machado. The objective is to examine how ideology is represented in children's literature in Brazil and how the reader interacts with the text to filter it. The methodology is based on texts that discuss and question the presence of ideological frameworks in children's books developed by Machado, Rosenberg, Chauí, among others. The results show that ideological precepts and helps educating the reader, but does not stand as obstacles to reading when they are subordinate to the aesthetic scope of the work.

KEYWORDS: ideology; literature; interaction

Durante muito tempo, a concepção de livros infantis e juvenis esteve convencionada como algo diretamente ligado a transmissão de conhecimentos e a didatização da criança e do adolescente. Os livros desenvolvidos para essas faixas etárias apresentavam conteúdos relacionados à escolarização e a difusão de valores que o adulto julgava serem necessários para a formação do homem. Muitas vezes, o que se percebia nesses livros era a visão da criança como um adulto em miniatura que precisava incorporar regras impostas pelos adultos. Nesse âmbito, a escola desempenhou e ainda desempenha papel fundamental na formação do jovem, pois as sociedades modernas confiam à escola a iniciação da infância tanto em seus valores ideológicos, quanto nas habilidades técnicas e conhecimentos necessários, sobretudo, à produção de bens culturais. Nesse sentido, surge um tipo de produção didática e literária dirigida em particular ao público infantil destinada a propagação de elementos didáticos como fundamentais para o desenvolvimento do caráter do jovem. Perrotti (1986) constitui essa literatura como 'utilitária' tendo caráter apenas didático. Pouco se

aproveita dessa literatura, pois ela não é tida como “objeto de contemplação ou deleite de espírito, de fonte de sugestão, recreação ou evasão e catarses” (Lourenço Filho, 1943).

Ao longo do tempo, essa literatura caracterizada por um forte traço educacional foi dando espaço a uma literatura direcionada apenas para o deleite e a recreação da criança. Muitas delas ainda veiculavam conteúdos a serem transmitidos, mas isso estava subordinado à forma estética e a criação literária. A literatura infantil, antes tida como literatura das minorias, ganha *status* de obra de arte. Porém, ideologias sempre estiveram presentes na literatura, o mesmo ocorre na literatura infantil. A obra literária destinada ao público infantil é permeada por conceitos e ideologias que têm o papel de transmitir algo que certos grupos sociais como, por exemplo, autor, escola, política ou mesmo da sociedade em geral julgam necessário. A ideologia permeia o livro infantil até hoje, pelo fato de que “tudo o que faz sentido é ideológico, principalmente quando se usa palavras” (MACHADO 1999: 34).

Diante disso, esse trabalho tem por objetivo analisar a maneira como a ideologia se apresenta na literatura infanto-juvenil, tendo em vista o romance *Isso Ninguém Me Tira*, de Ana Maria Machado. A adolescente, personagem do romance questiona os valores que lhe são impostos e, dessa forma, rejeita muitos dos conceitos que o mundo adulto tenta inferir na mente da jovem. Ana Maria Machado cria uma história cheia de questionamentos e indecisões de uma adolescente chamada Gabriela que descobre a paixão pela primeira vez ao conhecer Bruno. No momento em que a jovem tem que lutar contra a família que se opõe ao romance com o garoto, ela demonstra que não se submete a ideologia do mundo adulto e filtra somente aquilo que ela supõe ter valor. Através desse romance, a autora questiona a ideologia arraigada na mente da sociedade, mas não deixa de manifestar a sua própria ideologia.

Ana Maria Machado, escritora brasileira renomada possui mais de 100 livros publicados no Brasil e em mais de 17 países somando mais de dezoito milhões de exemplares vendidos. Os prêmios conquistados ao longo da carreira de escritora também são muitos. Começou a carreira como pintora. Estudou no Museu de Arte Moderna e fez exposições individuais e coletivas, enquanto fazia faculdade de Letras na Universidade Federal. O objetivo era ser pintora, mas depois de doze anos às voltas com tintas e telas, resolveu que era hora de parar. Optou por privilegiar as palavras, apesar de continuar pintando até hoje. Quando a ditadura começou, ela resistia participando de reuniões e manifestações. No final do ano de 1969, depois de ser presa e ter diversos amigos também detidos, Ana deixou o Brasil e partiu para o exílio. A situação política se mostrou insustentável.

Volta ao Brasil em 1972 e daí por diante, recebe diversos prêmios renomados. Devido ao sucesso e os prêmios, em 1993 ela se tornou *hors-concours* dos prêmios da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Em 2000, Ana ganhou o prêmio

Hans Christian Andersen, considerado o prêmio Nobel da literatura infantil mundial. E em 2001, a Academia Brasileira de Letras lhe deu o maior prêmio literário nacional, o Machado de Assis, pelo conjunto da obra.

Para compreendermos melhor o uso moderno da ideologia, é necessário voltarmos mais um pouco no tempo e rever seus conceitos primários. Filho (1997) argumenta que um dos primeiros estudiosos a comentar sobre a ideologia e suas características foi Marx. Segundo ele, a sociedade estava claramente dividida em dois grandes blocos opostos: burguesia e proletariado. Marx ainda observa que a luta existente entre essas duas classes não ocorria apenas pelo confronto e agressão física, mas também como uma divisão em relação às idéias que essas classes possuíam. Ideologia era, portanto, “o conjunto de idéias que cada classe possuía” (FILHO 1997: 15).

Marx e Engels chegam a afirmar que a ideologia era uma ‘forma falsa’ com que a classe dos proprietários tentava justificar suas atitudes e suas políticas antioperárias. Nesse sentido, a palavra ideologia significava uma explicação falsa dos fatos que aconteciam na luta entre as classes.

Lênin, seguidor de Marx e Engels propõe uma visão mais específica para a ideologia. Para ele, trabalhadores e patrões possuíam idéias próprias, específicas e dessa forma, existiam duas ideologias na sociedade: Ideologia proletária e ideologia burguesa. Ou seja, aquele pensamento de que a ideologia era uma coisa falsa, usada para enganar, para explicar os fatos de forma errônea, já não era mais aceita por Lênin.

Logo após a Revolução Russa, o capitalismo se expande rapidamente na Europa. Esse período foi marcado por uma discussão muito séria sobre a questão das idéias, da ideologia. George Lukács declara que o Movimento Operário não teve sucesso porque a cabeça do trabalhador vivia uma relação muito ambígua, uma relação dupla: possuía, ao mesmo tempo, uma série de idéias que reforçavam o ideal de solidariedade, mas também, idéias que reforçavam o individualismo. Havia, portanto, “certos pensamentos burgueses que se misturavam na consciência do trabalhador” (FILHO 1997:18).

A partir da Segunda Guerra Mundial, os meios de comunicação se desenvolveram rapidamente atuando mais diretamente na consciência das pessoas. Depreende-se que a ideologia significou apenas um tipo de pensamento preocupado com a questão política. Conforme Filho (1997) duas perguntas poderiam associar-se a essa nova dinâmica:

- *Quem* domina a sociedade?
- E, esse que domina, domina *quem*?

Atualmente, ideologia é bem mais ampla do que isso. Ideologia não é mais uma questão meramente política. Filho faz uma caracterização do termo ideologia. Segundo ele, “a ideologia pertence sempre a grandes grupos de pessoas, nunca a um sujeito separadamente” (FILHO 1997: 20), ou seja, nós apenas reproduzimos conceitos e idéias que já existiam anteriormente. “A ideologia vive fundamentalmente de símbolos, ela trabalha com símbolos e é formada por estereótipos” (FILHO 1997: 21). Os símbolos atuam diretamente no inconsciente das pessoas. Há símbolos que não questionamos porque já se transformaram em *habitus* para nós como, por exemplo, a cor vermelha simbolizar o sangue, verde a natureza, etc. Os estereótipos são idéias, imagens, concepções a respeito de pessoas, objetos, fatos, etc. que as pessoas criam, aprendem ou simplesmente repetem, sem avaliar se são verdadeiros ou não.

A ideologia é uma forma de ver o mundo, ou seja, é uma ‘visão de mundo’. Em outras palavras, a ideologia não se restringe apenas a uma divisão simples da sociedade, essa ‘visão de mundo’ compreende a perspectivas de todos os indivíduos na sociedade. Ela inclui uma postura da pessoa diante do mundo, um desejo, uma aspiração de vida. Filho (1997) conclui que ideologia, portanto, é um conjunto de idéias, de valores, de normas, de pensamentos, de concepções religiosas, filosóficas, intelectuais, que possui uma certa lógica, uma certa coerência interna e que orienta o sujeito para determinadas ações, de uma forma partidária e responsável.

Chauí (1998) afirma que a ideologia é produzida em três momentos fundamentais:

a) se inicia como um conjunto sistemático de idéias que os pensadores de uma classe em ascensão produzem;

b) ela prossegue tornando-se o que Gramsci denomina de *senso comum*, isto é, ela se populariza;

c) sedimentada e interiorizada como senso comum, a ideologia se mantém, mesmo após a vitória da classe emergente, que se torna então, classe dominante.

Tem-se a imagem de que ideologia é uma espécie de mascaramento da realidade social que permite a legitimação da exploração e da dominação. Por intermédio dela, tomamos o falso por verdadeiro, o injusto por justo e assim por diante. Os membros da sociedade são de certa forma, controlados por aquilo que a ideologia dominante prescreve. Assim ela dita o que cidadãos “devem pensar e como pensar, o que devem valorizar e como valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer” (CHAUI 1998: 111).

No período da Segunda Guerra Mundial, muitos escritores estavam envolvidos na luta pela liberdade e combatendo na Resistência. Após a guerra, discutiu-se qual seria o papel que o escritor deveria desempenhar na sociedade, bem como as funções da

literatura e o espaço da ideologia na escrita. Havia quem defendesse que toda a literatura deveria ser “comprometida” e outros que defendiam a “arte pela arte”. Albert Camus dizia que os autores não deveriam colocar suas obras a serviço de nada que fosse exterior as suas próprias necessidades criadoras, sua pesquisa estética. Um artista não deveria tentar dominar o que faz, mas ao contrário, uma obra de arte é senhora de seu criador e precisa seguir seus próprios caminhos, sem obrigação de transmitir mensagens, ensinar lições ou demonstrar idéias. Assim sendo, a ideologia não deveria fazer parte das intenções do ato criador, mas não poderia deixar de existir na experiência de vida do artista.

Até recentemente, a criança era vista como um ser inferior em relação ao adulto. Rosemberg (1985) afirma que há uma díade adulto-criança, onde o adulto desempenha o papel de emissor e a criança o de receptor, aquele que aprende. Na sociedade-centrada-no-adulto a criança não é. Ela é um vir a ser. Sua individualidade deixa de existir. Através da educação a criança se humaniza e a educação se dá através do adulto. Diante disso, o papel da literatura infantil foi durante muito tempo o de moralizar, ensinar algo, ou seja, a literatura infantil tinha um papel pedagógico. Muitos autores utilizavam-se desse argumento para simplesmente “dar aulinhas ou transmitir mensagens ideológicas” (MACHADO 1999: 32-33). Atualmente, os contos de fadas deixaram de ser focados em ideologias e moralismos para apenas serem contados como entretenimento e diversão.

Apenas depois de campanhas pelos direitos civis, depois do feminismo, lutas contra o racismo que se observou que durante muito tempo, os livros infantis vinham moldando os jovens a agirem segundo certos padrões de comportamento, os quais eram injustos ou mesmo agressivos a dignidade humana. Porém, a ideologia ainda permeia o livro infantil até hoje. Machado (1999) comenta que não existe objeto escrito que não seja ideologicamente inocente e que os livros para crianças são suscetíveis de serem fortemente usados como veículo de mensagens ideológicas porque as crianças não sabem como se defender. Para ela, existem duas armadilhas referentes à literatura infantil: a) a utilização pedagógica e b) quando os livros infantis se tornam ficção popular. Para fugir dessas armadilhas, é preciso escrever tendo em mente a independência criativa.

A partir dos anos 60, vários estudos foram se desenvolvendo a respeito da ideologia contida nos textos. Ou seja, o significado latente da obra não é aquilo que é dito abertamente, mas aquilo que previamente informou todo o processo da escrita. Uma idéia básica nos livros infantis refere-se ao fato do adulto ser mais forte e experiente e, portanto, a criança deve obedecer e submeter-se aos seus mandos. Machado (1999) considera que devemos nos perguntar “como devemos ler?” Sendo toda literatura ideológica e estando a ideologia não só em livros infantis, mas em toda parte, é preciso agir com inteligência, para não ficar enredado pela ideologia dos outros e ser manipulado por ela. Há três saídas: ler criticamente, questionando os valores em

uma obra, escolher livros com critérios de qualidade e, finalmente, ter uma dieta de leitura variada. Porém, finaliza a autora, não se deve deixar de ler algo porque é ideológico:

A consciência de que um livro é um objeto ideológico e a exposição crítica a esses males não deve levar a um mundo onde alguém ou um grupo sinta que tem o direito de silenciar os outros apenas porque eles não estão exatamente de acordo com a sua ideologia. Caso contrário, pode não ser o fim do mundo, mas com toda certeza pode acarretar o fim da palavra escrita (MACHADO 1999: 55).

Assim, cabe ao leitor abrir sua mente para enxergar aquilo que é ideologicamente exagerado e recusá-lo. Um leitor ingênuo provavelmente não conseguirá se libertar das ideologias presentes nos textos, por isso a necessidade de se ler regularmente e repetidamente para que assim a fruição da obra literária seja completa e sem interferências de ideias dominadoras e reguladoras.

O romance *Isso Ninguém Me Tira*, de Ana Maria Machado narra a história de uma adolescente chamada Gabriela, que se apaixona por Bruno, amor platônico de Dora, prima de Gabriela. A família de Gabi e Dora se mobiliza para impedir o romance de Bruno e Gabi, que tenta defender com unhas e dentes o direito de ser feliz.

O texto é narrado em primeira pessoa. O narrador do texto é Gabriela, também chamada pelo apelido 'Gabi', uma adolescente que se apaixona pelo amor platônico de sua prima Dora. No entanto há, no início do livro, duas versões quanto à apresentação do personagem Bruno, rapaz que divide a atenção das duas garotas. Gabi se apaixona por um rapaz que considera lindo, mas nem imagina que ele é o mesmo Bruno de que sua prima Dora vivia falando:

Então, recapitulando esse começo: desde a primeira vez que eu vi o Bruno, achei que ele era lindo. Mas no primeiro momento, eu não sabia, nem podia adivinhar que aquele cara maravilhoso que vinha andando pela praia era justamente o famoso Bruno, a paixão da vida da Dora, minha prima, minha melhor amiga (MACHADO 1994: 12).

Como narradora dos fatos, Gabi é muito ética e acha que o leitor tem direito de saber como era a versão de Dora. Além disso, a narradora, que também se apresenta

como a escritora do livro dialoga com o leitor o tempo todo: “Estou escrevendo isso e pensando numa coisa. Não é justo que você só conheça o Bruno pelo que eu digo. O bom era saber o que a Dora sempre disse, com as palavras dela. E tem um jeito ótimo, você vai ver” (MACHADO 1994: 14).

Através de cartas escritas por Dora, Gabi revela que Dora era muito apaixonada por Bruno, mas não tem coragem de revelar seu amor. Percebe-se também que Dora tinha uma personalidade totalmente adversa da sua prima. Dora era mais quieta, introspectiva e ainda imersa em valores patriarcais e moralistas, enquanto Gabi era decidida, espontânea e crítica. O trecho da carta de Dora revela o seu pensamento moralista, ainda imerso na ideologia patriarcal de nossa sociedade:

Quero mesmo é morar na fazenda e criar meus filhos, com toda a dedicação. Esse negócio de mãe que trabalha fora não faz muito o meu gênero. [...] Eu acho que a tia Lola podia dar mais atenção a ela, controlar mais [...] As duas têm mania de independência que para mim são muito exageradas. [...] Na casa da tia Lola até o Tiago vai para a cozinha “se virar”, como ele fala. (MACHADO 1994: 22)

Ao descobrir que o Bruno era o “Bruno da Dora”, Gabi resolve não se envolver com o rapaz, pois sua ética não permite que ela traia a amizade de sua prima. Porém, ela decide lutar por seus sentimentos e escreve uma carta a prima (que havia voltado para o sítio onde morava) contando o que estava acontecendo entre ela e Bruno. Dora não deu a mínima importância a isso e fica noiva de outro rapaz.

É importante notar que o caráter de Gabi não tolera que ela esconda a situação de Dora e nem de seus pais, no entanto, a família não aceita o namoro dos dois porque pensam que ambos estão traindo a confiança de Dora. Seus pais colocam diversos obstáculos no caminho do casal, mas a adolescente não desiste. Ela luta para que sua opinião e desejo sejam aceitos: “Começou um período pesadíssimo. Ou pesadíssimo. De chumbo mesmo. Ninguém me deixava em paz. [...] Da noite para o dia eu comecei a ser tratada como “a adolescente problema” (MACHADO 1994: 47).

Como adolescente, sua opinião era inferior à dos adultos, portanto, Gabi não conseguia impor sua vontade. Assim sendo, ela e Bruno começam a se encontrar escondidos dos pais. Porém, a garota não se sente bem com isso e encontra uma forma de apresentar o rapaz à família. Bruno gosta do romance *Dom Casmurro* e o pai dela também, por isso a garota resolve criar uma situação onde os dois se encontrem. Apesar dos esforços dela, o pai não aceita o namoro dos dois e Gabi fica ainda mais angustiada.

Bruno vai para a Itália fazer intercâmbio e Gabi fica no Brasil, recebendo cartas ‘clandestinas’, pois sua família não podia saber que o relacionamento entre ambos não havia acabado. A garota escondia as cartas em uma gaveta e acaba descobrindo que sua mãe estava ‘mexendo’ em suas coisas sem ela saber. Ambas discutem e Gabi questiona os valores morais de sua mãe. Patrícia, sua mãe, havia criticado a garota por estar ‘traindo’ a prima Dora, porém, ela própria perde sua ética ao remexer nas coisas da filha sem sua autorização. “Até mãe mente para filha, espiona tudo e ainda nega. Que coisa feia, dona Patrícia... Você não tinha esse direito sabe? Ou acha que tem todos? Que a única pessoa que não tem direito nesta casa sou eu?” (MACHADO 1994: 66). Sua mãe percebe o erro que cometeu, mas Gabi não consegue confiar mais nela.

Nesse meio tempo, a adolescente começa a trabalhar e se torna mais independente financeiramente de seus pais. Quando Bruno retorna da Itália, os dois continuam o namoro e logo a família aceita o fato de ambos estarem juntos. Gabi dedica uma boa parte de seu tempo ao seu trabalho, mas Bruno não gosta da situação e critica o fato de ela não estar dando atenção a ele. Os pais dela também reforçam a idéia de ela dedicar-se mais ao namorado e aos estudos, ao invés de trabalhar. Ao ser convidada para trabalhar como recepcionista em um evento, o pai comenta: “Filha minha? De recepcionista? Levando cantada de qualquer um? Aturando paquera de tudo quanto é marmanjo que chegar por lá?” (MACHADO 1994: 86). Bruno recebe muito mal a notícia de que ela iria trabalhar como recepcionista no evento e tem um acesso de cólera. Gabi continua firme e resolve continuar a fazer aquilo que ela achava correto fazer: ir ao evento. As ‘bolhas’, como Gabi nomeia os problemas de relacionamento entre ela e Bruno, vão aparecendo aos poucos, mas a garota sempre tenta resolvê-las da melhor forma possível, usando o bom senso e a coerência.

A última ‘bolha’ ocorre quando a garota se envolve em um projeto na escola a respeito de reciclagem e ecologia. A idéia de reciclar as latas de refrigerantes da escola surgira de uma conversa entre ela e Bruno. Gabi e Daniel, seu colega de classe, mobilizam os alunos para que o lixo pudesse se tornar algo que favorecesse os próprios interesses da escola. Logo, os dois se tornam muito amigos e Bruno se sente inferiorizado diante da situação. A garota contorna a situação, mas começa a questionar sua relação com o rapaz, que sempre resolvia implicar com suas idéias.

O final do livro fica em aberto. Não sabemos ao certo o que acontece em seguida, se Gabi continua namorando Bruno, se Daniel continua sendo importante em sua vida ou a respeito de seus planos para se tornar independente. Sabemos, no entanto, que Gabi, diante dos problemas, das ideologias querendo controlá-la, das incertezas e indecisões em sua vida, conseguiu impor sua vontade e sua força, não deixando que seus sonhos se destruíssem por causa daquilo que os outros achavam que seria melhor para ela.

O que essa luz me mostrou é que ninguém me tira o que é meu. E o que é meu não são pessoas, nem coisas, não é um namorado nem um trabalho nem uma campanha. É o que eu mesma sou, e vou passando a ser a cada dia, meu jeito, meu amor à vida, minha maneira de tentar construir meus sonhos. Isso ninguém me tira mesmo (MACHADO 1994: 105-106).

Os episódios do romance sempre nos remetem a pensar na importância da ideologia em nossas vidas e o espaço ocupado por ela. Muitas vezes, mal percebemos que somos controlados por conceitos pré-fabricados por nossa família, nosso governo e a própria mídia. A autora deixa isso bem claro, quando usa uma personagem ainda muito jovem para discutir os valores que a rodeiam. Parece-nos até bastante incoerente uma adolescente de classe média, como a personagem do romance é, questionar as regras de sua sociedade e de ética, se preocupar em trabalhar e se tornar independente ou mesmo interessar-se com o meio ambiente. Diante do mundo atual, vemos que a jovem se porta de maneira muito responsável e ética, mas nos perguntamos se isso ocorre mesmo com os jovens de nossa sociedade.

Fica bastante evidente que a autora escolhe uma personagem feminina para ilustrar outra ideologia presente no romance: o feminismo. As personagens Gabi e Dora representam dois pólos diferentes da caracterização das mulheres na sociedade. Dora simboliza a mulher reprimida, ideologicamente construída e educada para se tornar uma boa esposa e mãe de família, sem se preocupar com um futuro profissional, enquanto Gabi representa a mulher livre da dominação masculina, que luta por sua liberdade e seus desejos, não se importando em se enquadrar nas regras sociais que a família vai aos poucos tentando forçá-la a aceitar.

Quando se observa Dora mais precisamente, percebemos claramente a teoria elaborada por Beauvoir, a respeito da criação da mulher. Segundo ela, “não se nasce mulher; faz-se mulher” (BEAUVOIR, 1988 apud BONNICI 2007: 32). Ser uma mulher na concepção biológica é uma situação, ser uma mulher culturalmente e socialmente construída é muito diferente, “a mulher não é determinada pelos hormônios ou por instintos misteriosos, mas pela maneira como seu corpo e seu relacionamento com o mundo são modificados pela ação dos outros” (BEAUVOIR, 1988 apud BONNICI 2007: 32).

Dora é uma figura tipicamente construída pela ideologia dominante presente ao seu redor. Crescendo em um sítio e sendo praticamente educada lá, ela não tem obstinação para lutar por aquilo que deseja e aceita os fatos em sua vida como sendo normais e admissíveis. Quando se apaixona por Bruno, não tem coragem suficiente para conversar com o rapaz e falar sobre os seus sentimentos. Gabi critica tal fato, mas mesmo assim, Dora não age.

Eu [Gabi] tornei a dizer que ela era absolutamente panaca e outras coisas que a gente não escreve. Ela ficou chocadíssima, disse que uma moça não diz isso. E não adiantou nada [...] É sempre a mesma coisa. Cruza com ele no pátio, suspira. Um dia ela vai à secretaria do colégio buscar alguma coisa ara um professor e ele está lá esperando para falar com alguém. Ela não tem coragem de olhar para ele (MACHADO 1994: 29).

Quando observa a maneira como o seu primo, irmão de Gabi, é tratado em sua casa, sem privilégios de ‘homem’, ela estranha tal situação e se posiciona negativamente ao fato de o rapaz ter que cozinhar pra si ao invés de ter a mãe ou a irmã para lhe servir.

Na casa da tia Lola até o Tiago vai para a cozinha ‘se virar’, como ela fala. Frita ovo, bife, faz arroz, tempera salada. De manhã cedo, são a Gabi e ele que fazem café para a família toda. E mais uma porção de coisas que não acho muito adequadas, mas não quero ficar falando nem parecer indiscreta (MACHADO 1994: 22).

Isso demonstra que, para Dora, o papel a ser desenrolado na sociedade pela mulher é o de submissão e repressão. Bourdieu comenta que a separação entre homens e mulheres é algo pré-fixado pela própria sociedade:

As divisões constitutivas da ordem social e, mais precisamente, as relações sociais de dominação e exploração que estão constituídas entre os gêneros se inscrevem, assim, progressivamente em duas classes de *habitus* diferentes, sob a forma de *hexis* corporais opostos e complementares e de princípios de visão e divisão que levam a classificar todas as práticas segundo distinções redutíveis à oposição entre masculino e feminino (BOURDIEU 2005: 41).

Dora não percebera que, desde que nascera, estava mergulhada nessa ideologia de dominação e objetificação, na qual a mulher é ‘gendrada’ num sistema sexo-gênero, que a impede de alcançar todos os seus objetivos. Lauretis afirma que esse sistema “é tanto uma construção sociocultural quanto um aparato semiótico, um sistema de representação que atribui significado a indivíduos dentro da sociedade” (LAURETIS 1994: 212). A representação sociocultural a mantém num caminho no qual o que ela

deve fazer e como ela deve agir já estão implicitamente demarcados em sua vida. Ela pensa que está decidindo o que quer, mas não percebe que o que ela quer é exatamente aquilo que a sociedade masculina quer de todas as mulheres:

Eu vou é casar com o Bruno, ir morar na fazenda, ter um monte de filhos e contar para eles como eu sempre fui apaixonada pelo pai deles e como sempre soube que minha vida ia ser toda dedicada a minha família. Nem sei para que é que estou estudando tanto... Ai, Bruno! (MACHADO 1994: 15).

Diferentemente de Dora, Gabi consegue enxergar a dominação masculina ao seu redor e a critica posicionando-se contrária a ela. Em diversos momentos do romance a garota questiona aquilo que lhe é imposto a princípio pelos pais e mais tarde pelo namorado que tenta moldar a forma como ela deve agir. A mãe se culpa por não conseguir controlar sua própria vida e culpa a si mesma pelo fracasso como mulher independente.

Ia só lembrar que vivo sujeita a muitas pressões, e acabo em enrolando. O patrão me pressiona no trabalho, os colegas, seu pai, você, seu irmão, meus pais... Tenho que cuidar da casa, planejar as coisas, organizar as compras de supermercado... Tem horas que eu me sinto como uma minhoca no galinheiro, cada um puxa de um lado e ainda tem outros que ficam dando umas bicadinhas pelo meio... (MACHADO 1994: 69)

Porém, Gabi não aceita as desculpas da mãe e se esforça para ser diferente dela. Bourdieu (2005) pondera que a dominação entre os sexos aparece em todos os espaços sociais, mas o lugar onde ela primeiro se manifesta é na família.

No que tange ao namorado Bruno, Gabi se encanta com o novo relacionamento no início e resolve lutar por ele a despeito da não aceitação dele por seus pais. Contudo, com o passar do tempo, ela começa a perceber pequenas coisas no comportamento do namorado que não lhe agradam. Bruno se mostra ciumento e implicante com as ações de Gabi e sua vontade de ser independente. A garota começa a trabalhar, mas Bruno não vê tal fato de forma positiva porque ela não estava se dedicando a ele quanto o fazia antes, mas ele próprio, no entanto, não dedica tanto de seu tempo a ela, pelo fato de ter que estudar para os exames do vestibular:

Mas também era uma questão de organização. As aulas que eu dava tinham dia certo e hora certa. Ele podia muito bem estudar nessa hora e deixar para ter tempo livre quando eu também tivesse. Se não fazia isso, era porque devia achar que a minha ocupação era menos importante que a dele. Vontade de implicar (MACHADO 1994: 85).

É notório o fato de que Bruno tenta moldar as ações da garota de acordo com seus preceitos. Bourdieu (2005) afirma que ao ocuparem postos de trabalho, as mulheres alteram a divisão das tarefas domésticas e as posições sexualmente diferenciadas nas famílias e de fato, é o que ocorre com Gabi ao assumir seu emprego diante da família e não depender financeiramente mais de seus pais.

A protagonista logo percebe o modo como Bruno tenta transformar seu modo de agir e não aprova tal situação. Ao contrário, tais fatos levam a garota a questionar ainda mais a validade do romance com ele. Após uma discussão grave por causa do trabalho dela o rapaz vai embora muito irritado e Gabi se sente de certa forma culpada, mas mesmo assim não vai procurá-lo:

Tive vontade de sair correndo atrás, pedir desculpas, desistir do trabalho, prometer que nunca mais faria isso... Mas tinha um lado meu que achava que eu não podia ceder. E não era só orgulho, não. Era alguma coisa mais séria, alguma coisa que eu mesma não sabia o que era (MACHADO, 1994, p. 90).

Bruno não estava correspondendo mais aquilo que ela esperava dele. A garota começa a enxergar a situação como um problema quase insolúvel:

Mas mais uma vez eu senti alguma coisa diferente. Como quando o pé da gente vai crescendo e o sapato começa a apertar, no começo muito pouquinho, depois mais, vai fazendo uma bolha, a gente põe um esparadrapo, mas sabe que vai ter uma hora em que aquilo não resolve mais. E não dá para cortar o pé, voltar ao tamanho de antes. Tem que descolar um sapato novo (MACHADO 1994: 94).

Ao conhecer Daniel, colega de sala de aula, que possui muitas afinidades com ela, Gabi começa a refletir melhor sobre sua relação com Bruno. Daniel e Bruno eram muito diferentes e ela passa a nutrir uma afeição muito grande por ambos. Bruno era o seu primeiro amor, amor de adolescência e, Daniel era um grande amigo que a entendia e tinha ideais muito parecidos com os dela.

O comportamento de Dora e Gabi demonstra que a autora está abordando uma situação muito delicada ainda hoje em nossa sociedade tida como pós-moderna. O papel da mulher como ser independente e capaz de agir sem a interferência masculina é discutido ainda hoje. Bourdieu (2005) comenta que a dominação masculina se manifesta indiscutivelmente na unidade doméstica, amparada por uma superestrutura: Igreja, Escola, Estado. O movimento feminista não deve se preocupar apenas em reivindicar a paridade entre homens e mulheres nas instâncias políticas, pois o domínio, em tese, só mudaria de mãos masculinas para mãos femininas, favorecendo um universalismo meramente fictício; uma ação política que leve em conta tanto a dominação masculina quanto toda a ordem social poderá, em longo prazo, contribuir para o extermínio da dominação masculina.

De forma bastante engenhosa a autora cria um romance no qual as personagens se chocam devido às diferentes ideologias que regem cada uma das personagens. O romance não trata apenas de uma adolescente que se apaixona pela primeira vez, mas sim de sua luta por seus ideais e sonhos. A autora faz uma dura crítica à ideologia machista de nossa sociedade e aponta sutilmente o caminho a ser seguido pelas mulheres que vivem sob o jugo da hierarquia masculina.

Revela-se que a mulher deve cada vez mais tomar partido nas discussões dentro de casa a respeito de sua posição em sua casa, trabalho, relacionamento amoroso etc. Parece simples pensar nisso, mas a autora mostra que se posicionar dentro de uma sociedade fechada para os valores das mulheres pode ser mais difícil do que se imagina. A situação da protagonista dessa trama demonstra isso e a preocupação em estabelecer um universo onde o feminino possa abrir-se sem ser aviltado pelas inferências do masculino.

Evidencia-se na obra que a ideologia é algo em que o autor não se deve basear para conseguir êxito e atingir um determinado público ou mesmo interesse, entretanto, não é possível fugir totalmente dela. As experiências de vida do autor estão repletas de ideologias e, portanto, ao escrever, um pouco dela ficará nas páginas de seu livro. O leitor é responsável, até certo ponto, por filtrá-la e absorver aquilo que é necessário e realmente pertinente.

Finalizamos nosso trabalho acreditando que não é possível viver sem ideologias, sejam elas ao nosso favor ou contra nós, mas crê-se que o pensamento crítico em relação a elas podem nos fazer enxergar o que de fato elas querem mostrar. A leitura

pode ser um veículo capaz de nos ajudar, mas não adianta ler e se posicionar passivamente diante do que nos é oferecido. Gabi soube analisar as atitudes das pessoas ao seu redor e criticar os pressupostos ideológicos que não lhe eram convenientes, defendendo seu ponto de vista e seus valores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONNICI, Thomas. *Teoria e Crítica Literária Feministas: Conceitos e Tendências*. Maringá: Eduem, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (coleção primeiros passos: 13)
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero In: HOLLANDA, H. B. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- MACHADO, Ana Maria. *Isso ninguém me tira*. São Paulo: Ática, 1994.
- MACHADO, Ana Maria. *Contracorrente. Conversas sobre leitura e política*. São Paulo: Ática, 1999.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Ideologia*. São Paulo: global, 1997. (coleção para entender: 1)
- ROSEMBERG, Fúlvia. *Literatura infantil e ideologia*. São Paulo: Global, 1994. (teses: 11)